



Vasco Rosa

## Para uma política cultural nos Açores, VIII

# Residências literárias e artísticas

Terry Costa convidou-me há tempos para participar no Fringe, que agora decorre, para debater a política cultural nos Açores e os apoios concedidos, tendo como pretexto propostas que fui lançando nesta série de artigos no *Diário dos Açores*. Aceitei de imediato, grato e surpreendido, mas por razões que agora não vêm ao caso tive de desistir da viagem e dessa ocasião especialíssima para uma troca de ideias no contexto mais que privilegiado que é esse festival dinâmico e criativo. Quando lhe comuniquei que não iria, prometi-lhe que escreveria mais um artigo — e aqui estou a cumprir.

Falamos demasiado de apoios públicos directos que suportem as mais variadas acções culturais, sabendo que faltarão recursos para tudo e todos, quando também poderíamos estar a imaginar — em debates, precisamente — que é que pode ser feito por privados para que a presença da literatura e das artes na vida do maior número possa ser alcançada e, ao mesmo tempo, as virtudes das ilhas e das suas gentes sejam reconhecidas interna e externamente.

Os Açores dispõem hoje — e já razoavelmente espalhados pelo arquipélago — de um sortido de alojamentos de altíssima qualidade, em arquitectura antiga e contemporânea (contemporânea mas boa...), que estão a beneficiar exponencialmente do crescente fluxo turístico nos meses de verão, e que, depois, têm taxas de ocupação reduzidas, quando o habitual período de férias termina e o outono e o inverno chegam. São em todo o caso excelentes demonstrações da qualificação em curso nos Açores, e do meu ponto de vista lugares ideais para receber residências literárias e artísticas — simbolicamente: dez de cada, a cada ano — capazes de atrair talentos consagrados e talentos emergentes, para estadas de um mês como retiro criativo. Os escolhidos receberiam uma bolsa generosa — 4000 € para nacionais, 5000 € para estrangeiros (incluindo as viagens) —, teriam facilidades semanais de mudas e limpeza, e comprometiam-se apenas a que, no fim da residência, falariam do seu trabalho numa *master class* para os hóspedes (filmada e disponível a antigos e futuros clientes) e também, noutra ocasião, para os alunos duma escola local ou algo semelhante. (Há pouco tempo, por iniciativa do Arquipélago de Escritores, Leïla Slimani fez algo parecido no Terra Nostra Garden Hotel e depois falou na livraria Solmar, em Ponta Delgada.)

Seria uma extraordinária, quase irrecusável forma de atrair quem queira condições de conforto e isolamento para escrever um livro, fotografar, pintar, desenhar ou compor música, etc. etc. E tornaria os Açores *um lugar de criação intensa, em diversas áreas e por diferentes gerações*. Não haveria margem para burocracia e burocratas, tutelas e comités (e respectivos atrasos, suas pequenas dominações), nem constrangimentos temáticos de qualquer tipo, pois tudo se decidiria pela avaliação feita por quem recebe e pela empatia criada entre as partes directamente envolvidas, ficando — ou não — por conta das Associações empresariais do sector, da Direcção Regional de Cultura e do Turismo dos Açores o encargo de divulgar — em Agosto, o mais tardar — a lista dos alojamentos aderentes a cada ciclo anual de residências, de Novembro a Março ou Abril. Ou seja, pode ainda ser feito em 2024-25... Aliás, com o muito especial incentivo de coincidir com o centenário da Visita dos Intelectuais Continentais, que vai ser assinalado com uma exposição, um colóquio, livros e suplementos de jornal.

As bolsas pagas aos residentes, pode dizer-se, serão largamente compensadas pela inflação dos preços que a avalanche turística está a criar nas ilhas, daí não resultando, portanto, qualquer encargo ou dano para os alojamentos envolvidos (seria até despesa tributável). Em contrapartida, o passa-palavra influente — comercialmente valorizado — e a prática, hoje bem estabelecida, da menção, num livro ou numa exposição, que este ou aquele trabalho resulta desta ou daquela residência literária e artística no sítio tal ou qual, trazem claras vantagens. Talvez seja ingénua, ou até muito ingénua, mas acredito que gestores capazes de erguer tais negócios de excelência também saberão avaliar que esta utilização em baixa estação das suas instalações representa uma visão cosmopolita e actualizada, que as qualifica e distingue na indústria que representam.

Desde há anos, fábricas como Vista Alegre e Viarco (são só dois exemplos) têm tido artistas residentes que aproveitam as condições industriais e os processos de trabalho ali usados para maximizarem os seus próprios projectos, ao mesmo tempo que as empresas observam a criatividade dos artistas e a podem incorporar no futuro. Nos Açores, tal não parece possível mas há predicados naturais, da geologia à botânica e ao silêncio islhense, que lhes fazem as vezes.

Escritores e artistas precisam de paz e sossego para os seus sobressaltos criativos. Visitando as Berlengas, Raul Brandão escreveu que «se houvesse justiça no planeta» seria governador da fortaleza de São Sebastião: «Dêem-me um buraco e papel!» Nos Açores actuais, pode conseguir-se muito melhor do que isso!...



## Previstos mais furacões no Oceano Atlântico

O oceano Atlântico pode vir a registar sete grandes furacões de categoria três ou superior este ano, alerta a agência de meteorologia dos Estados Unidos da América NOAA, citada pela BBC.

Este valor representa mais do dobro do número habitual, uma vez que, por norma, são esperados apenas três grandes furacões numa estação.

Além dos sete grandes furacões, podem ainda registar-se, entre Junho e novembro, 13 furacões de categoria um ou superior. No total, os meteorologistas prevêem que se formem entre 17 e 25 tempestades no mesmo período de tempo. Um número significativo das mesmas

pode tornar-se furacões com ventos fortes o suficiente para destruir e danificar várias infraestruturas.

Para uma tempestade tropical se tornar um furacão, esta tem de atingir uma velocidade máxima de 119km/h. Para ser considerado um furacão de nível três, esse valor tem de ser superior a 178 km/h.

Até agora, o número mais elevado de grandes furacões numa única estação atlântica é de sete (valor registado no ano de 2005 e de 2020). Segundo o administrador da NOAA, Rick Spinrad, esta é uma época que “parece ser extraordinária”, uma vez que a previsão da

agência norte-americana se aproxima desses valores.

A BBC alerta que é difícil encontrar as causas exactas para a formação das tempestades, no entanto, realça que há dois fatores que são fundamentais: as elevadas temperaturas do mar e a transição de El Niño para La Niña.

Uma das razões apontadas para este aumento de atividade na região são os recordes das temperaturas à superfície do mar, uma vez que as alterações climáticas estão a provocar alterações nos padrões meteorológicos regionais. As águas mais quentes fornecem mais energia às tempestades que se deslocam para oeste

e, por isso, podem traduzir-se em furacões de maior intensidade.

Além disso, a provável mudança das condições de El Niño para La Niña no final do ano criam características para que as tempestades se desenvolvam mais facilmente e, conseqüentemente, favorecem a formação de furacões na zona. O El Niño e a La Niña são fases opostas do ciclo climático, mas não impactam o clima apenas na questão das tempestades tropicais. Além disso, afetam as temperaturas globais, a pluviosidade e os níveis de dióxido de carbono.

Entretanto está a ser estudada a introdução de uma categoria seis.